RUDOLFO LAGO

Jornalista e comentarista de política

O Senado desconfia até onde Lula irá mesmo querer blindar Xandão

Como prometido, a coluna segue com os raciocínios dos apoiadores da senadora Tereza Cristina (PP-MS) na sua disputa pela presidência do Senado no ano que vem. Como dissemos, Tereza Cristina avalia que o trabalho que o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), candidato à reeleição, tenta para pacificar o país a partir de um perdão ao ex-presidente Jair Bolsonaro em troca de evitar processos de impeachment dos ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), especialmente Alexandre de Moraes, pode ser um tiro pela culatra.

Relembrando o que dissemos. A ideia pode gerar rejeição porque parte dos senadores quer ao menos tentar abrir o processo de impeachment. Além disso, há quem desconfie que, no fundo, Alcolumbre trabalha em causa própria, para ele mesmo se blindar de investigações que poderiam atingi-lo tanto no escândalo do INSS quanto no caso Master. Nos dois casos, embora ele negue, há citações a ele.

Mas outro ponto que ronda ali as suspeitas de que pode gorar um processo de blindagem de Alexandre de Moraes está em saber até vai a própria disposição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva de proteger o ministro do Supremo. Até onde isso seria um ativo importante na recondução de Alcolumbre.

Primeiro. É sempre importante lembrar. Não foi Lula quem indicou Moraes para o STF. Foi Michel Temer. Alguém que o PT enxerga como um "golpista", que teria articulado para derrubar Dilma Rousseff, num processo que acabou fortalecendo a Lava Jato e que culminou com a condenação e a prisão de Lula.

Segundo. Apesar disso, a associação de Lula com Moraes foi explorada pela oposição e foi um dos pontos que mais o enfraqueceu na disputa presidencial com Flávio Bolsonaro. Se dissociar de Moraes e de suas decisões muitas vezes consideradas no mínimo polêmicas pode ser ativo importante para Lula.

Terceiro. Moraes se tornou o todo-poderoso relator do interminável inquérito das fake news por uma decisão de Dias Toffoli quando era presidente do STF. Embora Toffoli tenha sido uma indicação de Lula, ex-advogado do PT que era, hoje ele é um desafeto do presidente, que não perdoa o fato de ele ter dado muito tardiamente e sem tempo hábil autorização para que Lula deixasse a prisão para o velório de seu irmão, Genival, o Vavá. Hoje, Lula e Toffoli sequer se cumprimentam.

Quarto. Foi Alcolumbre quem articulou a derrota da indicação do advogado-geral União, Jorge Messias, para a vaga no STF aberta com a saída de Luís Roberto Barroso, um vexame histórico para Lula. Há quem lembre que às vezes Lula pode ser vingativo. De qualquer modo, a vaga segue aberta. E a indicação do novo nome será uma perrogativa do presidente. Ele tem uma pessoa para indicar ao Supremo. Se Moraes sofrer impeachment serão, então, dois nomes que Lula terá para indicar.

Até 2030, irão se aposentar compulsoriamente Luiz Fux (em 2028), Cármen Lúcia (em 2029) e Gilmar Mendes (em 2030). Lula é o responsável pelas indicações de Toffoli (mesmo com os atuais senões), Cristiano Zanin e Flávio Dino. Ou seja, dos 11 ministros do Supremo, somente Fachin (indicado por Dilma Rousseff), Nunes Marques e André Mendonça (indicados por Jair Bolsonaro) não seriam nomes da lavra de Lula. É um poder tentador.

ARISTÓTELES DRUMMOND

Jornalista e escritor

O crime tolerado

Apesar de estar em todos os discursos de candidatos, a questão da segurança pública e do combate ao crime organizado carece de propostas concretas.

Impressiona a indiferença das autoridades em relação a medidas simples, que não pedem verbas, e sim vontade política.

Medidas de bom senso, como a ação da Receita Federal em combinação com as vendas de carro de alto preço, comercializados por meia dúzia de empresas, a metade concentrada em São Paulo, na Avenida Europa, nos Jardins. Quem acompanha o noticiário sabe que a turma do dinheiro fácil adquire logo carros de valor superior a três milhões de reais. Um controle sobre estes compradores seria razoável.

Na faixa da violência urbana, assaltos, roubos, arrastões, especialmente na orla marítima de cidades como o Rio de Janeiro, elementar a volta da exigência da camisa no transporte público. E controle nos finais de semana mais rigoroso das motocicletas, muitas roubadas e outras usadas para apoio a atividades criminosas. Nada complicado.

Da população de rua, que hoje é problema nacional, aproximadamente um terço deve ser recolhido ao sistema penitenciário. Outro terço é de doentes mentais ou dependentes químicos; precisam de internação. E um terço pode ser recuperado por políticas públicas eficientes na inserção social destas pessoas. Tudo parece e é simples, mas falta coragem, vontade política.

As implicações da segurança e da população de rua na economia são grandes em setores sensíveis como o turismo e a restauração. A tolerância custa empregos, perda de arrecadação, insegurança às famílias.

Medidas emergenciais são urgentes. São muitos os exemplos pelo mundo de grandes cidades que pela omissão foram levadas a miséria.

O Rio, os cariocas, sofrem demais com a violência, que tira paz e empregos.

EDITORIAL

Cuidar do clima também é investir na economia

Durante muito tempo, a preocupação ambiental foi tratada por parte do setor econômico como uma pauta paralela, muitas vezes vista como um custo adicional ou até como um obstáculo ao desenvolvimento. Essa divisão, porém, está cada vez mais distante da realidade. Os efeitos das mudanças climáticas demonstram que preservar o meio ambiente e proteger a economia são objetivos que caminham juntos. Em alguns setores, como o turismo, essa relação é ainda mais evidente.

Um levantamento recente mostra a dimensão do problema. Das 360 regiões turísticas catalogadas pelo Mapa do Turismo Brasileiro, 301 foram atingidas por eventos climáticos extremos entre 2020 e 2025. Isso significa que 83,6% dos destinos mapeados sofreram algum tipo de impacto. O dado revela que a vulnerabilidade climática não é uma ameaça distante, mas uma realidade que já interfere diretamente na atividade turística brasileira.

O cenário merece atenção especial em um momento de expansão do setor. O Brasil recebeu 9 milhões de turistas estrangeiros em 2025, um recorde que demonstra o potencial econômico da atividade. Mas de pouco adianta ampliar a divulgação dos destinos, atrair visitantes e movimentar hotéis, restaurantes, agências e comércios se as condições que sustentam essa atividade não forem preservadas. Praias, parques, trilhas, rios, cidades históricas e áreas naturais dependem de equilíbrio ambiental para continuar atraindo pessoas.

Eventos extremos podem comprometer estradas, redes de energia, abastecimento de água e estruturas hoteleiras. Também podem provocar interdições, afastar visitantes e gerar prejuízos para trabalhadores e pequenos empreendedores que dependem do fluxo turístico. Uma temporada perdida por causa de enchentes, deslizamentos, secas ou ondas de calor representa perdas que vão muito além do próprio destino afetado. Atinge toda uma cadeia de serviços e empregos.

É justamente nesse ponto que o investimento em cuidados climáticos precisa ser compreendido também como uma decisão econômica. Planejar o uso do território, proteger áreas naturais, melhorar a infraestrutura, preparar sistemas de alerta e desenvolver planos de resposta a emergências exige recursos. Mas a ausência dessas medidas pode custar muito mais. Prevenir danos e garantir a continuidade das atividades são formas concretas de proteger investimentos e assegurar receitas.

OPINIÃO DO LEITOR

Manual

Manual para os equivocados repórteres, narradores e comentaristas que na reta final do Brasileirão insistem em encher os pulmões para o patético matematicamente ao invés de aritmeticamente. Aprendam: matemática é a ciência dos números. Mas quem trata deles, somando, multiplicando, dividido, é a aritmética.

Vicente Limongi Netto, Brasília - Distrito Federal

Contribuições por e-mail: endereço@correiodamanha.net.br

Correio da Manhã FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) ¦ **Paulo Bittencourt** (1929-1963) ¦ **Niomar Moniz Sodré Bittencourt** (1963-1969)

www.cm.com.br

Publisher
CLÁUDIO MAGNAVITA
redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO
Affonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE
Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES
(21) 2042 2955 **Whatsapp:** (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO
Av. João Cabral de Mello Neto
850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ
CEP 22775-057

BRASÍLIA
ST SIBS Quadra 2 conjunto B
Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF
CEP 71736-202

SÃO PAULO
Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317,
Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51,
Centro - Campinas-SP, CEP 13026-510

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal